

REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO
ELENO MARQUES DE ARAÚJO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
(ORGANIZADORES)



REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO
ELENO MARQUES DE ARAÚJO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
(ORGANIZADORES)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Reflexão sobre temas e questões em áreas afins à filosofia

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
Eleno Marques de Araújo
Elisângela Maura Catarino

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

R332 Reflexão sobre temas e questões em áreas afins à filosofia [recurso eletrônico] / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Eleno Marques de Araújo, Elisângela Maura Catarino. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-390-3

DOI 10.22533/at.ed.903201609

1. Filosofia. I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Araújo, Eleno Marques de. III. Catarino, Elisângela Maura.
CDD 100

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

“Há três métodos para ganhar sabedoria: primeiro, por reflexão, que é o mais nobre; segundo, por imitação, que é o mais fácil; e terceiro, por experiência, que é o mais amargo”. (Confúcio)

Caríssimos leitores, fazemos chegar até vocês o livro – Reflexões sobre Temas e Questões em Áreas afins à Filosofia. Uma obra que reúne textos de autores de vários estados e instituições do Brasil, que tem como foco promover o diálogo e a reflexão filosófica. A leitura filosófica é viva e contempla em seu arcabouço temas como: virtude, verdade, democracia, emancipação, política, racionalismo, normalização, humanidade, liberdade entre outros.

A obra é composta por 11 trabalhos que materializam estudos que foram desenvolvidos em contextos diversos e que colocam no centro das discussões, o intercruzamento de teóricos e temas que são ricos e caros para Filosofia e para Ciências Humanas de modo geral. Entre eles podemos citar: Adorno – educação emancipadora; Karel Kosik – e a dialética concreta; Freire e Nietzsche – com a transversalização da educação bancária; Foucault – exercício de si, entre outros.

Nos textos desta obra, a “linguagem é vazada em metáforas e retóricas, e é dessa forma heterogênea, que a escrita filosófica lança mão, conscientemente ou não”¹. Com isso, a obra, acaba sendo um convite à emersão ao mundo do conhecimento e da sabedoria, perpassados pelos ‘discursos’, ‘reflexões’ e ‘questões’ filosóficas.

Diante o exposto, desejamos a todos vocês uma excelente leitura.

Dr. Marcelo Máximo Purificação

Dr. Eleno Marques de Araújo

Dra Elisângela Maura Catarino.

1. COSTA, G. G. A escrita filosófica e o drama do conhecimento em Platão. Miolo Archai 11-1, indd, 2013,p.11.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A TEORIA CRÍTICA DA ESCOLA DE FRANKFURT E A EDUCAÇÃO EMANCIPADORA EM ADORNO	
Jonathan Junges	
Everton Silva Silveira	
Tiago Anderson Brutti	
DOI 10.22533/at.ed.9032016091	
CAPÍTULO 2	8
A CRISE DA VERDADE NA NEGAÇÃO DE OUTREM: TESE E ANTÍTESE NOS ARGUMENTOS ARISTOTÉLICOS DA ESCRAVIDÃO NATURAL, E SEUS POSSÍVEIS RESQUÍCIOS NA ATUAL DEMOCRACIA	
Wanderson Carlos Lisboa Maia	
DOI 10.22533/at.ed.9032016092	
CAPÍTULO 3	18
A DIALÉTICA DA TOTALIDADE CONCRETA DE KAREL KOSIK	
Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama	
DOI 10.22533/at.ed.9032016093	
CAPÍTULO 4	32
A RELAÇÃO DO ARTIVISMO COMO ANTI-ESTRUTURA EM TURNER E ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA EM FOUCAULT, NUMA CONCEPÇÃO DE ARTE CONTRA O ESTADO; ROMPENDO COM OS MOVIMENTOS SOCIAIS REPRESENTATIVOS E INSTITUCIONAIS QUE CARREGAM CONSIGO O PROBLEMA DO RECONHECIMENTO E A FALTA DX OUTRX NA RESISTÊNCIA CONTRA O ESTADO	
Bartira Dias de Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.9032016094	
CAPÍTULO 5	45
A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA DIFERENÇA: REFLEXÕES SOBRE POLÍTICAS INCLUSIVAS NA EDUCAÇÃO E SUAS PRÁTICAS DE GOVERNO	
Sandra Cristina Moraes de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.9032016095	
CAPÍTULO 6	59
FREIRE, NIETZSCHE E A TRANSVALORIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BANCÁRIA	
Pablo Michel Barcelos Pereira	
Williams Ferreira Portela	
Marcelo Peres Geremias	
DOI 10.22533/at.ed.9032016096	
CAPÍTULO 7	66
MICHEL FOUCAULT E O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO TÉCNICO: O COABITAR PROBLEMAS COMO UM EXERCÍCIO DE SI	
Daniel Salésio Vandresen	
DOI 10.22533/at.ed.9032016097	

CAPÍTULO 8	77
FUNDAMENTOS DA FILOSOFIA UBUNTU: AFROPERSPECTIVAS E O HUMANISMO AFRICANO Kellison Lima Cavalcante DOI 10.22533/at.ed.9032016098	
CAPÍTULO 9	86
MATERIALISMO HISTÓRICO: O PROBLEMA DA NECESSIDADE E CONTINGÊNCIA Lutiero Cardoso Esswein DOI 10.22533/at.ed.9032016099	
CAPÍTULO 10	95
NOTA SOBRE A CRIAÇÃO FILOSÓFICA NA SOCIOPOÉTICA – ALGUNS CRUZAMENTOS INTERCULTURAIIS Jacques Gauthier DOI 10.22533/at.ed.90320160910	
CAPÍTULO 11	108
RANCIÈRE E A EFICÁCIA POLÍTICA DA LITERALIDADE Joelson Silva de Araújo DOI 10.22533/at.ed.90320160911	
SOBRE OS ORGANIZADORES	114
ÍNDICE REMISSIVO	116

CAPÍTULO 3

A DIALÉTICA DA TOTALIDADE CONCRETA DE KAREL KOSIK

Data de aceite: 01/09/2020

Data de submissão: 25/07/2020

Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama

Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC
Departamento de Filosofia e Ciências Humanas
- DFCH
Ilhéus - Bahia

Link para o Currículo Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4709733J4>

RESUMO: Trata-se de um esforço de revelação e compreensão da estrutura argumentativa empreendida por Karel Kosik em seu livro *Dialética do Concreto*, especificamente a primeira parte - os três capítulos que compõe a intitulada “Dialética da Totalidade Concreta”. Objetivamos remeter-nos ao plano da validade dos argumentos, sua coerência interna, lógica. Verificar se as premissas que sustentam as teses principais, como conclusões de argumentos, estão de tais maneiras estruturadas de modo a conferir validade à obra, sob o ponto de vista da lógica formal, é o cerne de nossa questão. Contudo, mesmo compreendendo que uma análise lógica não se remete ao plano da verdade das premissas que sustentam a tese, tarefa que cabe à ciência, entendemos como inevitável, e mesmo necessário, um momento de considerações sobre a verdade da ideia principal. Em se tratando de ciências humanas, a fuga a esse plano implica em desconhecimento da complexidade do objeto, para não dizer

em (neo) positivismo. O que podemos inferir é que as três teses principais desenvolvidas, na verdade se constituem nos pressupostos básicos de uma determinada visão de mundo, um modo de conceber a realidade e se apropriar dela. Para o filósofo tcheco a questão: como se pode conhecer a realidade? É sempre precedida de uma questão mais fundamental: que é a realidade? Defendemos a tese que esta é a formulação básica, e vai evidenciar-se nos três capítulos que compõe a Primeira Parte da obra, a essência do conceito da dialética da totalidade concreta.

PALAVRAS-CHAVE: Dialética; Filosofia; Sociologia; Metodologia.

THE DIALECTICS OF THE CONCRETE TOTALITY OF KAREL KOSIK

ABSTRACT: This is an effort to reveal and understand the argumentative structure undertaken by Karel Kosik in his book *Dialectics of Concrete*, applicable to the first part - the three chapters that make up the “Dialectic of Concrete Totality”. We aim to refer to the argument’s validity plan, its internal, logical coherence. To verify if the premises that support as main theses, like the arguments discussed, are such ways structured in order to verify the validation of the work, from the point of view of formal logic or the question of our question. However, the same understanding that a logical analysis does not refer to the truth plan of the premises that support these tests, a task that fits in science, we understand as inevitable, and even necessary, a moment of considerations about the truth of the main idea. In the case of human sciences, an escape from this

plane implies ignorance of the object's complexity, not to say (neo) positivism. What we can infer as three main theses promoted, in fact, if they are basic assumptions of a global vision of the world, a way of conceiving reality and if appropriate of it. For the cheko philosopher, a question: how can he know reality? Always proceeded by a more fundamental question: what is a reality? We argue that this is a basic method, and will be evidenced in the three chapters that make up the First Part of the work, an essence of the concept of dialectic of concrete initiation.

KEYWORDS: Dialectic; Philosophy; Sociology; Methodology.

1 | INTRODUÇÃO

Toda ciência seria supérflua se a aparência e a essência das coisas se confundissem. (MARX, 1968)

O presente ensaio é um esforço de revelação e compreensão da estrutura argumentativa empreendida pelo filósofo tcheco Karel Kosik em sua *Dialética do Concreto*, mais especificamente o que trata a primeira parte, a “Dialética da Totalidade Concreta”. Nosso objetivo principal, em que pese a simpatia pela abordagem, à gama conceitual utilizada e às implicações filosóficas e mesmo de práxis política que daí derivam, será o de se remeter essencialmente ao plano da validade dos argumentos, sua coerência interna, lógica. Em outras palavras, verificar se as premissas que sustentam as teses principais, como conclusões de argumentos, estão de tais maneiras estruturadas de modo a conferir validade, sob o ponto de vista da lógica formal, ao trabalho de Kosik, é a questão central com a qual nos confrontaremos.

Contudo, mesmo partindo da compreensão que uma análise lógica não se remete ao plano da verdade das premissas que sustentam a tese, tarefa que cabe à ciência, entendemos como inevitável, e mesmo necessário, um momento de considerações sobre a verdade da ideia principal. Em se tratando de ciências humanas, a fuga a este plano implica o desconhecimento da complexidade do objeto, para não dizer em (neo) positivism. Assim, envidaremos esforços no sentido de uma compreensão em duas dimensões, validade e verdade, da primeira parte da obra.

2 | O MUNDO DA PSEUDONCRETICIDADE E A SUA DESTRUIÇÃO

Neste primeiro capítulo, como nos que se seguem, acompanharemos o caminho trilhado por Kosik na construção da estrutura argumentativa que serve de suporte às principais teses defendidas. Nossa investigação consistirá na identificação dos argumentos utilizados pelo autor, suas premissas e conclusões, bem como ao encadeamento empreendido de modo a conferir validade, coerência lógica, à tese central defendida.

Esta se liga ao título, isto é, trata do mundo da pseudoconcreticidade e a necessidade de sua destruição. Somente no desenvolvimento da argumentação que é mais bem

formulada, a partir das premissas que a sustentam. A preocupação inicial é situar o que chama de aspecto fenomênico da realidade.

[Argumento I] [Premissa] A atitude primordial e imediata do homem, em face da realidade, não é a de um abstrato sujeito cognoscente, de uma mente pensante que examina a realidade especulativamente, porém a de um ser que age objetiva e praticamente, de um indivíduo histórico que exerce a sua atividade prática no trato com a natureza e com os outros homens, tendo em vista a consecução dos próprios fins e interesses, dentro de um determinado conjunto de relações sociais.

[Conclusão Arg. I e Premissa Arg. II] [...] a realidade não se apresenta aos homens, a primeira vista, sob o aspecto de um objeto que cumpre intuir, analisar e compreender teoricamente, cujo polo oposto e complementar seja justamente o abstrato sujeito cognoscente, que existe fora do mundo e apartado do mundo; apresenta-se como o campo em que se exercita a sua atividade prática sensível, sobre cujo fundamento surgirá a imediata intuição prática da realidade.

[Conclusão Arg. II] No trato prático-utilitário com as coisas [...] elabora todo um sistema correlativo de noções que capta e fixa o aspecto fenomênico da realidade. (KOSIK, 1976, pp. 9-10)

Enuncia a principal contradição do aspecto fenomênico da realidade.

[Argumento III] [Premissa] [...] “a existência real” e as formas fenomênicas da realidade [...] são diferentes e muitas vezes contraditórias com a *lei* do fenômeno, com a *estrutura* da coisa e, portanto, com o seu núcleo interno *essencial* e o seu conceito correspondente.

[Conclusão] [...] a *práxis* utilitária imediata e o senso comum a ela correspondente colocam o homem em condições de orientar-se no mundo, de familiarizar-se com as coisas e manejá-las, mas não proporcionam a *compreensão* das coisas e da realidade. (KOSIK, 1976, p.10)

É justamente a “existência real”, como sendo a atmosfera comum da vida humana, juntamente com o aspecto fenomênico da realidade, o mundo da pseudoconcreticidade, da práxis fetichizada, ideológica, mistificadora da estrutura (essência) da realidade social. Parte à explicitação da relação dialética fenômeno/essência, e conclui que “Captar o fenômeno de determinada coisa significa indagar e descrever como a coisa em si se manifesta naquele fenômeno, e como ao mesmo tempo nele se esconde. Compreender o fenômeno é *atingir* a essência” (KOSIK, 1976, p. 12).

A razão de ser da ciência e da filosofia, como atividades peculiares que têm por meta revelar o fundamento oculto das coisas, a essência, é o principal argumento utilizado para reforçar o mundo dos fenômenos como mediato à estrutura da realidade.

O método dialético de decomposição do todo, como análogo ao processo de conhecimento, é inserido na estrutura argumentativa.

[Argumento IV] [1ª Premissa] O conceito da coisa é compreensão da coisa, e compreender a coisa significa conhecer-lhe a estrutura.

[2ª Premissa] A característica precípua do conhecimento consiste na decomposição do todo. [...]

[3ª Premissa] O “conceito” e a “abstração”, em uma concepção dialética, têm o significado do método que decompõe o todo para poder reproduzir espiritualmente a estrutura da coisa, e, portanto, compreender a coisa.

[Conclusão] [...] o conhecimento é que é a própria dialética em uma de suas formas. (KOSIK, 1976, p. 14)

Adentra ao conceito de práxis - agir humano - como possuindo uma estrutura análoga ao processo de conhecimento.

[Argumento V] [1ª Premissa] O conhecimento se realiza como separação de fenômeno e essência, do que é secundário e do que é essencial, já que só através dessa separação se pode mostrar a sua coerência interna, e com isso, o caráter específico da coisa. [...]

[2ª Premissa] Todo agir é “unilateral”, já que visa a um fim determinado e, portanto, isola alguns momentos da realidade como essenciais àquela ação, desprezando outros, temporariamente. Através deste agir espontâneo, que evidencia determinados momentos importantes para a consecução de determinado objetivo, o pensamento cinde a realidade única, penetra nela e a “avalia”.

[Conclusão] [...] decomposição do todo, que é elemento constitutivo do conhecimento filosófico, demonstra uma estrutura análoga à do agir humano: também a ação se baseia na decomposição do todo. (KOSIK, 1976, p. 14)

O “horizonte” de uma realidade indeterminada como todo constitui o pano de fundo inevitável de cada ação e cada pensamento, embora ele seja inconsciente para a consciência ingênua. Partindo dos argumentos anteriores em que fez a analogia conhecimento/dialética e conhecimento/práxis, caracteriza o mundo da pseudoconcreticidade como o mundo da vivência fetichizada, reino da ideologia.

[Argumento VI] [1ª Premissa] Os fenômenos e as formas fenomênicas das coisas se reproduzem espontaneamente no pensamento comum como realidade (a realidade mesma) não porque sejam os mais superficiais e mais próximos do conhecimento sensorial, mas porque o aspecto fenomênico da coisa é produto natural da práxis cotidiana.

[2ª Premissa] A *práxis* utilitária cotidiana cria “o pensamento comum” - em que são captados tanto a familiaridade com as coisas e o aspecto superficial das coisas quanto à técnica de tratamento das coisas - como forma de seu movimento e de sua existência.

[3ª Premissa] O pensamento comum é a forma ideológica do agir humano de todos os dias.

[4ª Premissa] [...] o mundo que se manifesta ao homem na *práxis* fetichizada, no tráfico e na manipulação, não é o mundo real, embora tenha a consistência e a “validez” do mundo real: é o “mundo da aparência” (Marx).

[Conclusão] A representação da coisa não constitui uma qualidade natural da coisa e da realidade: é a projeção, na consciência do sujeito, de determinadas condições históricas *petrificadas*. (KOSIK, 1976, p. 15)

A necessidade da destruição da pseudoconcreticidade, como necessária ao pensamento que quer conhecer adequadamente a realidade, é apresentada, por consequência, como a tese central em que a dialética apresenta-se como o método que tem por meta a consecução desta tarefa.

[Argumento VII] [1ª Premissa] A distinção entre representação e conceito, entre o mundo da aparência e o mundo da realidade, entre a *práxis* utilitária cotidiana dos homens e a *práxis* revolucionária da humanidade ou, numa palavra, a “cisão do único”, é o modo pelo qual o pensamento capta a “coisa em si”.

[2ª Premissa] A dialética é o pensamento crítico que se propõe a compreender a “coisa em si” e sistematicamente se pergunta como é possível chegar à compreensão da realidade.

[3ª Premissa] O pensamento que quer conhecer adequadamente a realidade [...] tem de destruir a aparente independência do mundo dos contatos imediatos de cada dia.

[Conclusão] A destruição da pseudoconcreticidade - que o pensamento dialético tem de efetuar - não nega a existência ou a objetividade daqueles fenômenos, mas destrói a sua pretensa independência, demonstrando o seu caráter mediato e apresentando, contra a sua pretensa independência, prova do seu caráter derivado. (KOSIK, 1976, pp. 15-16)

Explicita o papel da *práxis* revolucionária que, ao lado do pensamento dialético-crítico, são os elementos essenciais que possibilitam não apenas a compreensão da realidade, mas a sua própria transformação.

[Argumento VIII] [1ª Premissa] [...] a destruição da pseudoconcreticidade como método dialético-crítico, graças à qual o pensamento dissolve as criações fetichizadas do mundo reificado e ideal, para alcançar a sua realidade, é apenas o outro lado da dialética, como *método revolucionário de transformação da realidade*.

[2ª Premissa] [...] a realidade pode ser mudada de modo *revolucionário* só porque e só na medida em que nós mesmos produzimos a realidade, e na

medida em que saibamos que a realidade é produzida por nós.

[Conclusão] *Para que o mundo possa ser explicado “criticamente”, cumpre que a explicação mesma se coloque no terreno da “práxis” revolucionária.* (KOSIK, 1976, p. 18)

Finalmente, ressalta e enfatiza:

Ao contrário do mundo da pseudoconcreticidade, o mundo da verdade é o mundo da **realização** da verdade, é o mundo em que a verdade não é dada nem predestinada, não está pronta e acabada, impressa de forma imutável na consciência humana: é o mundo em que a verdade **devém**. Por esta razão a história humana pode ser o processo da verdade e a história da verdade. (KOSIK, 1976, p. 19)

3 I REPRODUÇÃO ESPIRITUAL E RACIONAL DA REALIDADE

A tese central defendida no segundo capítulo apresenta a dialética como o método da reprodução espiritual e intelectual da realidade, ou o método do desenvolvimento e da explicitação dos fenômenos culturais partindo da atividade prática objetiva do homem histórico.

Resgata os pressupostos desenvolvidos anteriormente, como o papel da práxis como elemento essencial ao processo de conhecimento, a fim de inserir os vários aspectos da apropriação do mundo pelos homens.

[Argumento I] [1ª Premissa] Não é possível penetrar na “coisa em si” e responder à pergunta - que coisa é a “coisa em si?” - sem a análise da atividade mediante a qual ela é compreendida; ao mesmo tempo, esta análise deve incluir também o problema da **criação** da atividade que estabelece o acesso à “coisa em si”.

[2ª Premissa] Estas atividades são os vários aspectos ou modos de apropriação do mundo pelos homens.

[Conclusão] Não é possível compreender imediatamente a estrutura da coisa ou a coisa em si mediante a contemplação ou a mera reflexão, mas sim mediante uma determinada **atividade**. (KOSIK, 1976, pp. 22-23)

Podem-se considerar como diversos aspectos da apropriação do mundo pelos homens o prático-espiritual, teórico, artístico, religioso, matemático, físico, etc. No entanto “o homem vive em muitos mundos mas cada mundo tem uma chave diferente, e o homem não pode passar de um mundo para o outro sem a chave respectiva, isto é, sem mudar a intencionalidade e o correspondente modo de apropriação da realidade” (KOSIK, 1976, p. 23). Com este enunciado chama à atenção para o fato de que, em se tratando de ciência e filosofia, faz-se necessário um método de apropriação da realidade correspondente,

diverso dos anteriores.

[Argumento II] [1ª Premissa] Para a filosofia e a ciência moderna [...], o *conhecimento* representa um dos modos de *apropriação* do mundo pelo homem; além disso, os dois elementos constitutivos de *cada* modo humano de apropriação do mundo são o *sentido* subjetivo e o *sentido* objetivo.

[2ª Premissa] O processo de captação e descobrimento do *sentido* da coisa é ao mesmo tempo criação, no homem, do correspondente *sentido*, graças ao qual ele pode compreender o *sentido* da coisa.

[Conclusão] É possível [...] compreender o *sentido objetivo* da coisa se o homem cria para si mesmo um *sentido* correspondente. Estes mesmos sentidos, por meio dos quais o homem descobre a realidade e o sentido dela, coisa, são um produto histórico-social. (KOSIK, 1976, p. 23)

“A teoria materialista do conhecimento, como reprodução espiritual da realidade, capta o caráter *ambíguo* da consciência, que escapa tanto ao positivismo quanto ao idealismo” (KOSIK, 1976, p. 26). Após situar a filosofia como um modo de apropriação do mundo, que exige um método específico, faz a crítica a diversas concepções filosóficas que se opõem à dialética.

[Argumento III] [1ª Premissa] Cada objeto percebido, observado ou elaborado pelo homem é parte de um todo, e precisamente este todo não percebido explicitamente é a luz que ilumina e revela o objeto singular, observado em sua singularidade e no seu significado.

[2ª Premissa] A consciência é constituída da unidade de duas formas que se interpenetram e influenciam reciprocamente, porque, na sua unidade, elas se baseiam na *práxis* objetiva e na apropriação prático-espiritual do mundo.

[Conclusão] A consciência humana deve ser [...] considerada tanto no seu aspecto teórico-predicativo, na forma do conhecimento explícito, justificado, racional e teórico, como também no seu aspecto antepredicativo, totalmente intuitivo. (KOSIK, 1976, p. 25)

A recusa e a subestimação da primeira forma:

[...] conduzem ao irracionalismo e às mais variadas espécies de ‘pensamento vegetativo’; a recusa e a subestimação da segunda forma conduzem ao racionalismo, ao positivismo e ao cientificismo, os quais, em sua unilateralidade, determinam o irracionalismo como complemento necessário. (KOSIK, 1976, p. 26)

Dirige a crítica ao método da redução (spnozismo e fisicalismo).

[Argumento IV] [1ª Premissa] [...] toda teoria do conhecimento se apoia, implícita ou explicitamente, sobre uma determinada teoria da realidade e pressupõe uma determinada concepção da realidade mesma.

[2ª Premissa] A teoria materialista do conhecimento como reprodução intelectual da realidade deriva de uma concepção da realidade diferente daquela de que deriva o método da redução. [...] O marxismo não operou a dinamização da imutável substância, mas definiu como “substância” a dinâmica mesma do objeto, a sua dialética.

[Conclusão] [...] conhecer a substância não significa reduzir os “fenômenos” à substância dinamizada, vale dizer, a algo que se esconde por detrás dos fenômenos e que deles não depende; significa conhecer as leis do movimento da coisa em si. A “substância” é o próprio *movimento da coisa ou a coisa em movimento*. (KOSIK, 1976, pp. 27-28)

O reducionismo “é o método do ‘nada mais que’; toda a riqueza do mundo não é nada mais que substância imutável ou então dinamizada” (KOSIK, 1976, p. 28), incompetente para explicar racionalmente uma evolução nova, de natureza qualitativa, pois o novo não seria nada mais que o velho, sob outra forma.

[Argumento V] [1ª Premissa] Só uma concepção da matéria que na própria matéria descubra a negatividade, e, por conseguinte, a capacidade de produzir novas qualidades e graus de evolução superiores, proporciona a possibilidade de explicar materialistamente o novo como uma qualidade do mundo material.

[2ª Premissa] A realidade é interpretada não mediante a redução a algo diverso de si mesma, mas explicando-a com base na própria realidade, mediante o desenvolvimento e a ilustração das suas fases, dos momentos do seu movimento.

[3ª Premissa] O ponto de partida do exame deve ser formalmente idêntico ao resultado [...] deve manter a identidade durante todo o curso do raciocínio visto que ele constitui a única garantia de que o pensamento não se perderá no seu caminho.

[4ª Premissa] Mas o sentido do exame está no fato de que no seu movimento em espiral ele chega a um resultado que não era conhecido no ponto de partida e que, portanto, dada a identidade formal do ponto de partida e do resultado, o pensamento, ao concluir o seu movimento, chega a algo diverso - pelo seu conteúdo - daquilo que tinha partido.

[Conclusão] Da vital, caótica, imediata representação do todo, o pensamento chega aos conceitos, às abstratas determinações conceituais, mediante cuja formação se opera o retorno ao ponto de partida; desta vez, porém, não mais como ao vivo mas incompreendido todo da percepção imediata, mas ao conceito do todo ricamente articulado e compreendido. (KOSIK, 1976, pp. 28-29)

Acentua que o caminho entre a “caótica representação do todo” e a “rica totalidade da multiplicidade das determinações e das relações” coincide com a compreensão da realidade.

O método do pensamento não é outro senão o método materialista do conhecimento da realidade. A tese central é a dialética como método de reprodução espiritual e racional da realidade.

[Argumento VI] [1ª Premissa] Para que possa conhecer e compreender este todo, possa torná-lo claro e explicá-lo, o homem tem de fazer um *détour*: o concreto se torna compreensível através da mediação do abstrato, o todo através da mediação da parte.

[2ª Premissa] O método de ascensão do abstrato ao concreto é o método do *pensamento*; em outras palavras, é um elemento que atua nos conceitos, no elemento da abstração.

[3ª Premissa] A ascensão do abstrato ao concreto não é a passagem de um plano (sensível) para outro plano (racional): é um movimento no pensamento e do pensamento.

[4ª Premissa] Para que o pensamento possa progredir do abstrato ao concreto, tem de mover-se no seu próprio elemento, isto é, no plano abstrato, que é negação da imediatidade, da evidência e da concreticidade sensível.

[5ª Premissa] A ascensão do abstrato ao concreto é um movimento para o qual todo início é abstrato e cuja dialética consiste na superação desta abstratividade.

[Conclusão] O progresso da abstratividade à concreticidade é, por conseguinte, em geral movimento da parte para o todo e do todo para a parte; do fenômeno para a essência e da essência para o fenômeno; da totalidade para a contradição e da contradição para a totalidade; do objeto para o sujeito e do sujeito para o objeto. (KOSIK, 1976, p. 30)

O processo do abstrato ao concreto – como concreto pensado – é o método materialista do conhecimento, a dialética da realidade concreta na qual se reproduz idealmente em todos os seus planos e dimensões.

4 | A TOTALIDADE CONCRETA

A tese da totalidade concreta, um dos conceitos centrais da dialética materialista, que compreende a realidade nas suas íntimas leis e revela, sob a superfície e a casualidade dos fenômenos, as conexões internas, necessárias, é precisamente a tese central e principal de que trata o autor.

Situam-se correntes opostas à concepção da realidade como totalidade concreta, pois apenas consideram as manifestações fenomênicas e casuais não chegando a atingir a compreensão dos processos evolutivos da realidade.

[Argumento I] [Premissa] As correntes idealistas do século XX liquidaram a tridimensionalidade da totalidade como princípio metodológico, reduzindo-a essencialmente a uma única dimensão, à relação da parte com o todo; e **sobretudo** desligaram radicalmente a totalidade (como exigência metodológica e princípio epistemológico do conhecimento da realidade) da **concepção** materialista da **realidade** como totalidade concreta.

[Conclusão] Com tal desligamento, a totalidade como princípio metodológico perdeu a sua motivação e coerência, o que imediatamente conduziu à interpretação idealista e ao empobrecimento do seu conteúdo. (KOSIK, 1976, pp. 34-35)

Enuncia a questão que entendemos como chave, centro da diversidade das concepções sobre o conhecimento da realidade:

[Argumento II] [Premissa] O conhecimento da realidade, o modo e a possibilidade de conhecer a realidade dependem, afinal, de uma concepção da realidade, explícita ou implícita.

[Conclusão] A questão: como se pode conhecer a realidade? é sempre precedida por uma questão mais fundamental: que é a realidade? (KOSIK, 1976, p. 35)

Existe uma diferença fundamental entre a opinião dos que consideram a realidade como totalidade concreta - um todo estruturado em curso de desenvolvimento e autocriação - e a posição dos que afirmam que o conhecimento humano pode ou não atingir a “totalidade” dos aspectos ou dos fatos, em que a realidade é entendida como o conjunto de todos os fatos.

[Argumento III] [1ª Premissa] Totalidade significa: realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato *qualquer* [...] pode vir a ser racionalmente compreendido.

[2ª Premissa] Acumular todos os fatos não significa ainda conhecer a realidade, e todos os fatos (reunidos em seu conjunto) não constituem, ainda, a totalidade.

[3ª Premissa] Os fatos são conhecimento da realidade se são compreendidos como fatos de um todo dialético - isto é, se não são átomos imutáveis, indivisíveis e indemonstráveis, de cuja reunião a realidade saia constituída - se são entendidos como partes estruturais do todo.

[Conclusão] O concreto, a totalidade, não são, por conseguinte, todos os fatos, o conjunto dos fatos, o agrupamento de todos os aspectos, coisas e relações, visto que a tal agrupamento ainda falta o essencial: a totalidade e a concreticidade. (KOSIK, 1976, pp. 35-36)

Introduzida a tese central, passa à explicitação.

[Argumento IV] [1ª Premissa] Princípio metodológico da investigação dialética da realidade é o ponto de vista da totalidade concreta, que antes de tudo significa que cada fenômeno pode ser compreendido como momento do todo.

[2ª Premissa] Um fenômeno social é um fato histórico na medida em que é examinado como momento de um determinado todo; desempenha, portanto, uma função *dupla*, a única capaz de dele fazer efetivamente um fato histórico: de um lado, definir a si mesmo, e de outro, definir o todo; ser ao mesmo tempo, produtor e produto; ser revelador e ao mesmo tempo determinado; ser revelador e ao mesmo tempo decifrar a si mesmo; conquistar o próprio significado e ao mesmo tempo conferir um sentido a algo mais.

[Conclusão] Esta recíproca conexão e mediação da parte e do todo significam a um só tempo: os fatos isolados são abstrações, são momentos artificialmente separados do todo, os quais só quando inseridos no todo corresponde adquirem verdade e concreticidade. (KOSIK, 1976, pp. 40-41)

O que significa adquirir verdade e concreticidade? Faz o resgate da tese da reprodução espiritual da realidade e define como concreticidade a superação da abstratividade, entendida como o isolamento dos fatos.

[Argumento V] [1ª Premissa] Justamente porque o real é um todo estruturado que se desenvolve e se cria, o conhecimento de fatos ou conjunto de fatos da realidade vem a ser conhecimento do lugar que eles ocupam na totalidade do próprio real.

[2ª Premissa] [...] o pensamento dialético parte do pressuposto de que o conhecimento humano se processa em um movimento em espiral, do qual *cada início* é abstrato e relativo.

[3ª Premissa] [...] o conhecimento concreto da realidade [...] É um processo de *concretização* que procede do todo para as partes e das partes para o todo, dos fenômenos para a essência e da essência para os fenômenos, da totalidade para as contradições e das contradições para a totalidade; e justamente neste processo de correlações em espiral no qual todos os conceitos entram em movimento *recíproco* e se elucidam mutuamente, atinge a concreticidade.

[Conclusão] O conhecimento dialético da realidade não deixa intactos os conceitos no ulterior caminho do conhecer; não é uma sistematização dos conceitos que procede por soma, sistematização esta fundada sobre uma base imutável e encontrada uma vez por todas: é um processo em espiral de *mútua compenetração e elucidação* dos conceitos, no qual a abstratividade (unilateralidade e isolamento) dos aspectos é superada em uma correlação dialética, quantitativo-qualitativa, regressivo-progressiva. (KOSIK, 1976, pp 41-42)

Para Kosik:

[...] a compreensão dialética da totalidade significa não só que as partes se encontram em relação de interna interação e conexão entre si e com o todo, mas também que o todo não pode ser petrificado na abstração situada por cima das partes, visto que o todo *se cria a si mesmo* na interação das partes. (KOSIK, 1976, p. 42)

Esta concepção dialética se baseia na compreensão da importância do homem como sujeito da práxis histórico-objetiva da humanidade.

[Argumento VI] [Premissa] Para o materialismo a realidade social pode ser conhecida na sua concreticidade (totalidade) quando se descobre a natureza da realidade social, se elimina a pseudoconcreticidade, se conhece a realidade social como unidade dialética de base e supra-estrutura, e o homem como sujeito objetivo, histórico-social.

[Conclusão] A realidade social *não* é conhecida como totalidade concreta se o homem no âmbito da totalidade é considerado apenas e sobretudo como *objeto* e na *práxis* histórico-objetiva da humanidade não se reconhece a importância primordial do homem como *sujeito*. (KOSIK, 1976, p. 44)

O argumento que apresenta em crítica às demais concepções de totalidade é precisamente a explicação da tese central do seu trabalho.

[Argumento VII] [Premissa] A dialética não pode entender a totalidade como um todo já feito e formalizado, que determina as partes, porquanto à própria determinação da totalidade pertencem a *gênese* e o *desenvolvimento* da totalidade, o que, de um ponto de vista metodológico, comporta a indagação de como *nasce* a totalidade e *quais são as fontes internas do seu desenvolvimento e movimento*.

[Conclusão do Arg. VII e Premissa do Argumento VIII] A totalidade não é um todo já pronto que se recheia com um conteúdo, com as qualidades das partes ou com as suas relações; a própria totalidade é que se concretiza e esta *concretização não é apenas criação do conteúdo mas também criação do todo*.

[Conclusão Arg. VIII] *A criação da totalidade como estrutura significativa é, portanto, ao mesmo tempo, um processo no qual se cria realmente o conteúdo objetivo e o significado de todos os seus fatores e partes*. (KOSIK, 1976, pp. 49-50)

Finalmente o autor acentua que a problemática do que vem primeiro, a totalidade ou as contradições, é uma falsa questão.

[Argumento IX] [1ª Premissa] O problema não consiste em reconhecer a prioridade da totalidade face às contradições, ou das contradições face à totalidade, precisamente porque tal separação elimina tanto a totalidade quanto as contradições de caráter dialético: *a totalidade sem contradições é vazia e inerte, as contradições fora da totalidade são formais e arbitrarias*.

[2ª Premissa] A totalidade como meio conceitual para compreender os fenômenos sociais permanece abstrata se não se põe em evidência que tal totalidade é totalidade de base e superestrutura, bem como de seu movimento, desenvolvimento e relações recíprocas, embora cabendo à base um papel determinante.

[3ª Premissa] [...] a totalidade de base e superestrutura permanece abstrata se não se demonstra que é o homem, como *sujeito histórico real*, que no processo social de produção e reprodução cria a base e a superestrutura, forma a realidade social como totalidade de relações sociais, instituições e ideias; e nesta criação da realidade social objetiva cria ao mesmo tempo a si próprio, como ser histórico e social, dotado de sentidos e potencialidades humanas, e realiza o infinito processo de “humanização do homem”.

[Conclusão] A totalidade concreta como concepção dialética-materialista do *conhecimento* do real [...] significa, portanto, um processo indivisível, cujos momentos são: a destruição da pseudoconcreticidade, isto é, da fetichista e aparente objetividade do fenômeno, e o conhecimento da sua autêntica objetividade; [...] conhecimento do caráter histórico do fenômeno, no qual se manifesta de modo característico a dialética do individual e o humano em geral; e enfim o conhecimento do conteúdo objetivo e do significado do fenômeno, da sua função objetiva e do lugar histórico que ele ocupa no seio do corpo social. (KOSIK, 1976, pp. 51-52)

5 | UM MOMENTO DE CONSIDERAÇÕES SOBRE A VERDADE DA TESE

Temos a pretensão de haver inferido, na identificação e análise da estrutura argumentativa da “Dialética da Totalidade Concreta”, que no plano da validade dos argumentos, sua coerência interna, lógica, o trabalho se apresenta impecável, não deixando margem a qualquer contenda no que se refere ao aspecto lógico formal. Ao nosso entender a discussão se remete ao plano da verdade das premissas que, como conclusões de argumentos, sustentam as teses principais.

Para Kosik a questão: como se pode conhecer a realidade? É sempre precedida de uma questão mais fundamental: que é a realidade? Defendemos que esta é a formulação básica e vai evidenciar-se nos três capítulos que compõe a “Dialética da Totalidade Concreta”.

No primeiro a tese do mundo da pseudoconcreticidade, da práxis fetichizada, ideológica, mistificadora da estrutura (essência) da realidade social, e a necessidade de sua destruição pelo pensamento dialético que se efetiva no terreno de uma práxis revolucionária que “coincide com o devenir humano do homem, com o processo de humanização do homem”, prenuncia a compreensão do que é a realidade. No segundo explicita a tese da dialética como o método de reprodução espiritual e racional da realidade concreta, na qual esta é reproduzida idealmente em todos os seus planos e dimensões. Finalmente, no terceiro a tese da totalidade concreta se apresenta como uma concepção que compreende

a realidade como concreticidade, “como um todo que possui sua própria estrutura que se desenvolve e se cria”, em que se reconhece como realidade social uma unidade dialética de base e superestrutura, com a base como determinante, em última instância.

6 | CONCLUSÃO

As três teses principais desenvolvidas por Kosik se constituem nos pressupostos básicos de uma determinada visão de mundo, de um modo de conceber a realidade e apropriar-se dela (GAMA, 2020). O aprofundamento da análise das premissas iria remeter-nos a uma discussão interminável no âmbito das ciências humanas - da filosofia à política - que, ao nosso entender, não seria muito profícua no sentido de aferir a verdade ou impropriedade dos pressupostos assinalados de maneira conclusiva e insofismável, mesmo porque, se houvesse possibilidade de tal feito ao nível estritamente teórico, a razão de ser da filosofia e das ciências humanas estaria por se esgotar.

No entanto, para a superação desse impasse, servimo-nos do próprio Kosik quando explícita o papel da práxis revolucionária da humanidade que, “ao lado do pensamento dialético crítico, possibilitam não apenas a compreensão da realidade; mas a sua própria transformação”. Ao nosso entender, esta é a principal contribuição do filósofo tcheco Karel Kosik ao enriquecimento “idealista” do materialismo dialético, ao ressaltar o papel do homem como indivíduo socio-histórico, sujeito essencial de um processo de transformação revolucionária que tenha por meta a realização da verdade e a criação da realidade humana, a “humanização do homem”. Destaca-se, em sua argumentação, a ausência e/ou ênfase à menção de “classe social”.

A práxis histórico-objetiva dos sujeitos da humanidade nos permitirá separar “o joio do trigo”, distinguir entre as diversas concepções da realidade aquela que melhor se apropria do real. Por sua vez, ao fazê-la munícia o homem de instrumentos que lhe permitem a elucidação de sua inserção na sociedade, bem como a possibilidade de transformação revolucionária.

REFERÊNCIAS

GAMA, H. F. L. N. da. A disputa do positivismo e da dialética na sociologia alemã: Algumas considerações. 13 pp. In: FERREIRA, G. H. C. (Org.). **As Ciências Humanas como Protagonistas no Mundo Atual**. [recurso eletrônico] Ponta Grossa – PR: Atena Editora, 2020. Disponível em: <https://www.finersistemas.com/atenaeditora/index.php/admin/api/ebookPDF/3177>

KOSIK, K. **Dialética do Concreto**. 2a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MARX, K. **O Capital**. V. III. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aristóteles 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 108, 109, 111

B

Biopolítica 45, 54, 55, 56

D

Democracia 5, 8, 15, 37, 77

Dialética 3, 7, 11, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31

E

Educação 10, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 16, 36, 42, 43, 45, 46, 48, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 76, 77, 85, 95, 99, 114, 115

Educação bancária 10, 59, 61, 62, 63

Emancipação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 16, 43, 66, 68, 71, 109

Ensino de filosofia 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 85

Exercício de si 66, 67, 68, 73

F

Filosofia 1, 2, 8, 9, 10, 16, 17, 18, 20, 23, 24, 31, 43, 46, 47, 58, 59, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 94, 95, 101, 107, 114, 115

H

Humanidade 5, 6, 9, 10, 11, 13, 15, 22, 29, 31, 60, 64, 77, 78, 80, 82, 83, 84

I

Inclusão 41, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 72, 100, 101, 105, 115

Interculturalidade 95

N

Normalização 45, 53, 54, 56

P

Política 9, 10, 11, 12, 15, 16, 19, 31, 32, 33, 34, 35, 38, 41, 42, 43, 49, 71, 76, 81, 82, 84, 87, 91, 94, 108, 109, 111, 113, 115

R

Racionalismo 1, 2, 24

S

Sociopoética 95, 96, 97, 98, 99, 107

T

Tendências pedagógicas 59, 63, 64

Teoria crítica 1

U

Ubuntu 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85

V

Verdade 1, 8, 13, 18, 19, 23, 28, 30, 31, 34, 35, 37, 38, 43, 48, 51, 57, 61, 62, 64, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 98, 109

REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br

REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br